

**CONVIDADA /  
GUEST CONTRIBUTOR**



## POR UM COMPARATIVISMO INTERAMERICANO

Eurídice FIGUEIREDO<sup>1</sup>

- RESUMO: Reflexão a partir do livro *Conceitos de literatura e cultura* (FIGUEIREDO, 2005), fruto da pesquisa feita pelo GT da ANPOLL "Relações literárias interamericanas", sobre o trânsito e as transformações de alguns conceitos fundamentais do comparativismo interamericano: americanidade/americanaização, antropofagia, barroco/neo-barroco, boom/pós-boom, criouldade/crioulização, entre-lugar, heterogeneidade, híbrido/hibridismo, identidade cultural/identidade nacional, indigenismo, literatura migrante, mestiçagem, negritude/negrismo/literaturas de afro-descendentes, multiculturalismo/pluriculturalismo, pós-colonial, pós-moderno, realismo mágico/realismo maravilhoso, regionalismo, textualidades indígenas, transculturação/transculturação narrativa. Em um segundo momento, propõe-se um estudo comparativo dos conceitos de mestiçagem, criouldade, hibridismo e transculturação em diferentes regiões da América.
- PALAVRAS-CHAVE: Estudos culturais; literatura comparada; trânsito e transformações de conceitos.

### Protocolo inicial

Os estudos literários no Brasil têm-se organizado em torno das línguas nacionais, com pouco trânsito de uma cultura para outra, de uma literatura para outra, o que impede uma

---

<sup>1</sup> Instituto de Letras - Universidade Federal Fluminense - UFF - CEP 24230-006 - Niterói - RJ. E-mail: euridice@bighost.com.br

compreensão mais ampla de certos fenômenos que não se restringem a uma área lingüística. Diante da carência de interlocução produtiva, alguns professores decidiram criar, no âmbito da ANPOLL, o Grupo de Trabalho (GT) "Relações literárias interamericanas", por acreditarem que poderiam aprender, trocar experiências, dialogar, com colegas especialistas nas literaturas dos diferentes países das Américas.<sup>2</sup> A primeira pesquisa feita pelo grupo, consolidada no livro *Conceitos de literatura e cultura* (FIGUEIREDO, 2005), organizou-se em torno de 20 conceitos fundamentais do comparativismo interamericano: americanidade/americanação, antropofagia, barroco/neo-barroco, boom/pós-boom, criouldade/crioulização, entre-lugar, heterogeneidade, híbrido/hibridismo, identidade cultural/identidade nacional, indigenismo, literatura migrante, mestiçagem, negritude/negrismo/literaturas de afro-descendentes, multiculturalismo/pluriculturalismo, pós-colonial, pós-moderno, realismo mágico/realismo maravilhoso, regionalismo, textualidades indígenas, transculturação/transculturação narrativa.

O propósito do livro foi o de mapear os conceitos identitários e literários surgidos com as vanguardas que transitaram pelas Américas até o final do século XX, a fim de rastrear-lhes o sentido, a origem e, sobretudo, o entrecruzamento e a superposição desses conceitos, os quais correspondem a realidades culturais ora semelhantes, ora díspares, e que foram cunhados e utilizados por teóricos em várias partes do continente americano e no Caribe. Embora os vinte termos não sejam todos conceitos da mesma categoria de pensamento, o que se buscou foi detectar o que tem aparecido na prática dos estudos literários e culturais como sendo expressões de marcas identitárias que dão conta de uma especificidade das vozes subalternas, das minorias que participam (ou estão excluídas) da fundação da nação e da cultura.

Trata-se, portanto, de uma obra de referência, que conta com a participação de especialistas das várias literaturas nas

---

<sup>2</sup>. Nos biênios 2000-2002 e 2002-2004, o GT foi coordenado por Eurídice Figueiredo (UFF), tendo, como vice, Zilá Bernd (UFRGS), e no biênio 2004-2006, ele está sendo coordenado por Jovita Maria Gerheim Noronha (UFJF) e Silvina Carrizo (UFJF).

quatro principais línguas das Américas (inglês, espanhol, francês e português), que dão conta do trânsito desses conceitos, com as referências bibliográficas das fontes, as ressignificações que foram assumindo ao longo do tempo e do espaço percorridos. Muitos desses conceitos tentam definir o estatuto da cultura americana e, sobretudo, latino-americana, às vezes mais particularmente a literatura destes países em oposição à literatura européia, mãe com a qual todas as literaturas da América mantêm um vínculo placentário, na observação de Antonio Candido (1979, p. 353).

### **Conceitos em trânsito**

Como aponta Walter Mignolo (2003), as teorias viajam e, ao chegarem a lugares diferentes, são transformadas, sobretudo quando há a interferência do legado colonial, ainda na memória das elites. Os Estudos Culturais, que se originaram na Grã-Bretanha e se disseminaram nos Estados Unidos, provocaram grandes transformações na abordagem da Literatura Comparada nos últimos anos no Brasil, tendo sido ora adotados (mas já transculturados) pelos estudiosos brasileiros, ora rechaçados por aqueles que preferem uma perspectiva mais puramente literária. Com o fim do estruturalismo francês e com o surgimento dos estudos pós-coloniais na academia anglo-americana, entraram em circulação conceitos que apareceram em outros países e em outros contextos de produção. Ao mesmo tempo, conceitos surgidos na América Latina passaram a ser mobilizados numa nova perspectiva, sendo ressignificados nesse contexto. Pós-moderno e pós-colonial são termos que nascem em contextos de produção diferentes dos da América Latina, tendo encontrado uma resistência da crítica local e, paradoxalmente, têm-se expandido por todos os campos da vida cultural.

Viajam as teorias: algumas sozinhas, outras acompanhadas. Quando chegam aos lugares, sua adaptação ao novo ambiente será ou não tão fácil como pode sugerir o entusiasmo do momento de chegada. Outras teorias não viajam, ou viajam menos e com mais

dificuldade. Talvez precisemos refletir mais sobre quando e por que uma teoria (...) transforma-se num projeto global, desejada e convidada a entrar em uma nova localidade. (MIGNOLO, 2003, p. 252)

Nas décadas 1920 e 1930, surgem alguns conceitos-chaves, que serão retomados, transformados e revivificados por uma crítica mais cultural a partir dos anos 70. A antropofagia de Oswald de Andrade nutre-se da representação do canibalismo, tanto nas crônicas e cartas como na iconografia do período colonial, e opõe-se simetricamente ao indianismo alencariano. "Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem" (ANDRADE, 1978, p. 18). O intelectual fazia o mesmo com as culturas do Outro, a fim de se nutrir e de torná-las suas. Como diz Silviano Santiago a propósito das várias tentativas das vanguardas (a antropofagia de Oswald, a "traição da memória" de Mário de Andrade e o "corte radical" do grupo concreto):

Em todos os três casos não se faz de conta que a dependência não existe, pelo contrário frisa-se a sua inevitabilidade; não se escamoteia a dívida para com as culturas dominantes, pelo contrário, enfatiza-se a sua força coerciva; não se contenta com a visão gloriosa do autóctone e do negro, mas busca a inserção diferencial deles na totalização universal. Ao mesmo tempo, não se deixa perder no limbo das elucubrações etnocêntricas a possível originalidade do produto criado. A heirarquização pelos critérios de 'atraso' e de 'originalidade' cai subitamente por terra, pois se subvertem esses valores (SANTIAGO, 1982, p. 22)

A antropofagia oswaldiana foi revisitada pela música, pelo cinema, pelas artes plásticas e pelo teatro, tornando-se um elemento canônico da cultura e da crítica brasileiras. Trata-se de um conceito bastante restrito ao Brasil, e, apesar de estar circulando muito em outros países nos últimos anos, não teve desdobramento e apropriação no exterior.

No artigo "O entre-lugar do discurso latino-americano", Silviano Santiago (1978) cunhava o conceito de entre-lugar que, embora não tenha sido exportado devido à situação

periférica que ocupa a crítica brasileira, era tão pertinente para designar a situação ambígua do escritor que se encontra fora dos grandes centros hegemônicos, que termos assemelhados são utilizados, nos últimos anos, em várias línguas, por teóricos de diferentes procedências, tais como Walter Mignolo, Homi Bhabha, Mary Louise Pratt, Daniel Sibony: *third space, in between, zonas de contato, entre-deux*. Todos tentam dar conta de culturas que se constroem do encontro e choque de duas ou mais culturas, que se situam nas margens, que se distinguem das culturas européias por um traço particular, a impureza, destacada por Silviano Santiago:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de *unidade* e de *pureza* (...). A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo (1978, p. 18).

Multiculturalismo e pluriculturalismo são termos muito usados hoje pela crítica cultural, e os países que melhor os definem são o Canadá e os Estados Unidos, que têm comunidades étnicas (ou minorias visíveis) das mais variadas origens e são governados por uma política assumidamente multicultural.

As comunidades asiáticas e afro-caribenhas são étnicas por natureza, isto é, são fisicamente diferenciáveis, ligadas por laços sociais derivados de costumes, línguas e práticas intermatrimoniais compartilhadas; possuem história, memórias coletivas, origens geográficas, visões de mundo e modos de organização social próprios (HALL, 2003, p. 67).

Os imigrantes, assim como seus filhos já nascidos nos grandes centros, enfrentam essa situação limite de não saber a qual cultura pertencer ou, na medida do possível, adotam as duas. Existem efetivamente zonas de contato, mas é preciso salientar que os próprios imigrantes vivem socialmente confinados em guetos. Não há (ainda) verdadeiramente mestiçagem como fenômeno coletivo. Um exemplo empírico

bastante surpreendente, ao menos de um ponto de vista brasileiro, encontra-se na publicidade “multicultural”: os casais ou as famílias que aparecem nos anúncios publicitários pertencem à mesma “etnia”: são asiáticos, negros ou latinos, mas não existem casais mistos (ou muito raramente).

O conceito de literatura migrante surge no Canadá (Quebec), no bojo desta concepção multicultural da sociedade, em que os povos fundadores – franceses e ingleses – têm o apanágio de uma anterioridade, uma marca genealógica designada em francês como *pure laine*, ou seja, os descendentes dos primeiros colonizadores franceses. Assim, literatura migrante seria a produção das chamadas comunidades étnicas, de imigrantes de primeira ou segunda geração, cuja temática lida de perto com questões do exílio, da memória, da desterritorialização, do nomadismo e da deriva identitária. O escritor migrante encontra-se no entre-lugar ou no entre-dois, já que sua pertença a dois universos identitários, a duas línguas, resulta numa movência bem própria de nossa contemporaneidade. A literatura produzida pelos hispânicos nos Estados Unidos – sobretudo originários do México, de Porto Rico e de Cuba – é de grande relevância, tendo em vista que é a expressão de uma comunidade cujo peso não pára de crescer, já que sua população oscila em torno de 40 milhões de pessoas.

Alguns conceitos, como identidade cultural e identidade nacional, são mais gerais porque abarcam, de fato, a espinhosa problemática da nação como parâmetro definidor de uma cultura. A constituição do estado-nação moderno na Europa data do século XIX. Segundo Hobsbawn, o reconhecimento ao direito de se tornar uma nação se baseava em três critérios: a sua associação a um estado instituído há algum tempo (duração); a existência de uma língua vernácula escrita e praticada por sua elite letrada; a sua capacidade de conquista (1998, p.49). Para Benedict Anderson, o nacionalismo nasce antes na América, a partir da independência americana em 1776, devido à necessidade de as novas elites locais se descolarem do controle das antigas metrópoles. Já a identidade cultural, desvinculada da existência do estado-nação, pode ser reivindicada por grupos minoritários ou excluídos, que compartilhem algo em torno do qual cerrar



fileiras: feminismo, homoerotismo, sentimento de pertença a uma etnia de afro-descendentes ou de indígenas.

Nos anos 30, no Peru, José Carlos Mariátegui retoma e reutiliza o termo de indigenismo, numa visão marxista e na defesa dos indígenas e de sua cultura, subalternos em seu próprio país, apesar de serem a maioria da população. Consciente de que se tratava de um movimento de mestiços letrados, ele tinha a visão utópica de que um dia os verdadeiros indígenas teriam voz. "Uma literatura indígena, se deve vir, virá no momento exato" (1975, p. 216). Após o florescimento de uma literatura indigenista de vanguarda na região andina, que tem como expoentes César Vallejo, na poesia, e José María Arguedas, na narrativa, os povos indígenas das Américas, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, começam a produzir diferentes tipos de textos, escritos ou áudio-visuais, ou seja, novas textualidades indígenas, seguindo uma tendência dos grupos tradicionalmente subalternizados de assumir sua própria voz, seu próprio discurso, evitando assim serem falados pelo outro.

O crítico peruano Antonio Cornejo Polar cria o conceito de heterogeneidade para definir a disparidade da realidade da América Latina em geral e mais particularmente do Peru, na qual coexistem grupos muito diferentes, etnicamente, socialmente, economicamente. A heterogeneidade na região andina é talvez mais radical do que em outras áreas pois a população de origem indígena não tem, proporcionalmente à sua força numérica, representatividade na cena política e cultural. Nos últimos anos, neste início do novo século, assiste-se a uma mobilização das camadas populares indígenas na região andina, que tem provocado a queda de presidentes e algumas pequenas mudanças, ainda insuficientes para transformar a situação de exclusão em que se encontram.

A questão da contribuição do negro aparece no mapeamento dos vários movimentos surgidos, tais como a *Harlem Renaissance*, seguido da negritude na área do Caribe de língua francesa, pelo negrismo no Caribe de língua espanhola, mas também pelo indigenismo e um certo negrismo no Haiti, pela criouliização, bem como pelos movimentos afro-brasileiros. Mas ela aparece também nas questões da mestiçagem, do realismo maravilhoso, que surge no Caribe

pelas mãos de Alejo Carpentier e de haitianos como J. S. Alexis. O realismo maravilhoso, também conhecido por realismo mágico, associado à utilização de um estilo barroco ou neo-barroco, está na origem do fenômeno do *boom* da literatura hispano-americana, marco divisor de águas que enseja o nascimento do termo *pós-boom*.

### **O conceito de mestiçagem ante os de transculturação, hibridismo e crioulização**

Esses quatro conceitos têm sido usados nas diferentes regiões de maneira, senão idêntica, ao menos semelhante, embora tenham origens e contextos de produção e recepção específicos. Pode-se tentar esboçar algumas análises contrastivas do trânsito desses quatro conceitos de maneira a demonstrar a importância de um comparativismo interamericano e a estimular o trabalho de pesquisa na área a fim de se compreender os fenômenos culturais e literários da contemporaneidade.

Enquanto Gilberto Freyre destacava a importância da mestiçagem na formação do povo brasileiro em *Casa-grande e senzala* (1933), Fernando Ortiz analisava, em *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar* (1940), o processo de transformação da cultura em Cuba, com a mistura das três raças, designando-o por um novo conceito, o de transculturação, neologismo forjado por ele a partir dos termos desculturação e aculturação. A mestiçagem e a transculturação evoluíram ao longo dos anos, dando origem a novas ressemantizações, dependendo da região. O conceito de transculturação, tendo como variante outro neologismo, transcultura, é atualmente muito utilizado no Canadá, no mesmo campo semântico de mestiçagem, que tem um espectro muito largo de uso, designando as misturas culturais, literárias e lingüísticas derivadas da diáspora e do multiculturalismo. Sinônimo de hibridismo, ele aparece em sintagmas tais como língua mestiça, literatura mestiça, arquitetura mestiça.

Assim, o conceito de mestiçagem, no fim do século XX, por um deslizamento semântico que o esvazia de seu

sentido biológico original, entra na moda, servindo para designar novos fenômenos provocados pela imigração nas sociedades multiculturais da América do Norte e da Europa, que vão do terreno da música até a cozinha, passando naturalmente pela questão literária. Considero, com Serge Gruzinski (2001, p. 62), que esses fenômenos da contemporaneidade, que ocorrem sobretudo na Europa e na América do Norte, devem ser antes designados pelo conceito de hibridismo, deixando o conceito de mestiçagem para as sociedades que foram constituídas como fruto da dupla mestiçagem biológica e cultural, "uma vasta zona onde a mestiçagem não é um acidente, mas a essência, a linha central: nós, 'nossa América mestiça'", na expressão de José Martí, retomada por Fernández Retamar (1988).

Este novo discurso sobre a mestiçagem nas sociedades da Europa e da América do Norte não é inocente. No âmbito da globalização, ele corresponde a uma carência de novidade das elites que consumiam antigamente o exotismo e que hoje querem estar "na moda" em tudo o que ainda pode surpreender (GRUZINSKI, 2001). Isso é mais visível no terreno da música, com todas as variações da denominada *world music*: mistura de ritmos, instrumentos ou sonoridades de música ocidental com tudo o que pode ser visto como "étnico". Dou aqui um exemplo tirado do jornal *Folha de S. Paulo*: o grupo inglês Asian Dub Foundation mistura em sua música "dub, reggae, hip hop, ritmos orientais, jingles e palavras militantes", segundo o autor do artigo (SUZUKI, 2003, p. E1). A este coquetel já mais que híbrido, ele teria acrescentado o molho brasileiro em seu último disco "Enemy of the Enemy".

Curiosamente o termo "étnico" designa tudo o que não é branco (europeu ou norte-americano), como se étnico se aplicasse apenas ao Outro da Europa. Assim, a música "mestiça" seria a mistura na qual entraria um pouco de música africana, afro-brasileira, afro-jamaicana, afro-americana, indiana ou árabe. Uma questão curiosa: os "Branços" não pertencem, portanto, a nenhuma etnia?!

O hibridismo ou a hibridação designaria, assim, as misturas que ocorrem nas sociedades multiculturais do Canadá e dos Estados Unidos, que preservam seus grupos "étnicos" em sociedades mosaicos, ou seja, a sociedade majoritária (branca),

que detém os poderes políticos e econômicos, respeita as culturas dos imigrantes. Vários aspectos da vida são atingidos pela entrada em circulação de novos sons, odores, sabores, comidas, imagens, cores, memórias, vindas de fora.

No mundo francófono antilhano, a mestiçagem é assimilada à criouldade, conceito introduzido por Jean Bernabé, Raphaël Confiant e Patrick Chamoiseau no livro *Eloge de la créolité*, cujo primeiro parágrafo é: "Nem Europeus, nem Africanos, nem Asiáticos, nós nos proclamamos Crioulos" (1989, p. 13). Assim, eles parecem anunciar que a criouldade é homóloga à mestiçagem (ao mesmo tempo biológica e cultural). Entretanto, não aceitam essa associação porque compreendem a mestiçagem como uma síntese, uma unicidade, o que recusam para a criouldade que seria "uma especificidade aberta" (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 27). É preciso observar que, quando os signatários do *Eloge* se referem à zona das plantações, afirmam a mistura com o surgimento de uma "humanidade nova", fruto, portanto, da mestiçagem (que eles denegam):

Durante três séculos, as ilhas e as partes de continente que este fenômeno afetou foram verdadeiras usinas de uma *humanidade nova*, aquelas em que línguas, raças, religiões, costumes, maneiras de ser de todas as faces do mundo, se encontraram brutalmente desterritorializadas, transplantadas para uma região onde elas tiveram que reinventar a vida. (BERNABÉ; CHAMOISEAU; CONFIANT, 1989, p. 26. Grifo meu).

Edouard Glissant prefere falar de criouldização em vez de criouldade, a fim de dar o sentido de processo, já que a criouldade, segundo ele, exprimiria uma essência, como a latinidade, a francidade. Em texto mais recente (1999), Glissant salienta que a nova concepção da mestiçagem – mais metafórica e mais próxima do hibridismo – aboliu o mestiço (o bastardo). Como a rejeição existia, provavelmente por causa da existência do mestiço, atualmente a mestiçagem lhe parece menos indigesta.

Neste contexto, a mestiçagem não aparece mais como atribuição maldita do ser, mas cada vez mais como uma

fonte possível de riquezas e de disponibilidades. Mas creio que, à medida que a mestiçagem se generaliza, é a categoria do mestiço que cai (GLISSANT, 1999, p. 49).

Apesar de algumas denegações, os termos crioulidade e crioulização de fato se baseiam na existência da língua crioula – “Eu chamei este fenômeno de crioulização, naturalmente por causa das línguas crioulas” (GLISSANT, 1999, p. 50) – e a utilização que é feita pelos escritores. Assim, crioulização seria o processo de transformação da linguagem na narrativa antilhana, que se nutre dos contos crioulos e que adota a economia da língua crioula no interior da língua francesa. “É preciso abrir caminho através da língua em direção de uma linguagem que não reside talvez na lógica interna dessa língua. A poética forçada nasce da consciência dessa oposição entre uma língua de que se serve e uma linguagem da qual se necessita” (GLISSANT, 1981, p. 237). Se se trata de um fenômeno lingüístico-literário, a crioulização é um fenômeno mais restrito que a mestiçagem, embora Glissant oponha a mestiçagem, concebida como uma síntese, à crioulização que seria “a mestiçagem sem limites, cujos elementos são multiplicados [e] os resultados imprevisíveis” (GLISSANT, 1990, p. 46).

A crioulização, nesta acepção literária, aplicada ao romance antilhano, remete antes à transculturação narrativa, conceito criado pelo crítico uruguaio Ángel Rama, que estuda, sobretudo, os escritores que se apropriam de uma linguagem popular, a fim de superar um certo regionalismo naturalista, desterritorializando a língua espanhola ou portuguesa, sem cair na armadilha de usar duas linguagens diferentes, que cria uma distância entre narrador e personagens. Os romancistas transculturadores registram a perda do uso das linguagens dialetais e “abandonam muitos termos com os quais os ‘crioulistas’ salpicavam seus escritos, limitando-se às palavras de uso corrente”. Por outro lado, “compensam isso com a ampliação significativa do campo semântico regional e da ordem sintática, (RAMA, 2001, p. 219).

Apesar de aplicar seu conceito de transculturação narrativa a escritores de diferentes países (García Márquez, Juan Rulfo, Guimarães Rosa), detém-se mais na análise da

obra de José Maria Arguedas, que tem um trabalho estilístico ao transgredir a língua espanhola a partir da interferência do quéchuá. *"Yo resolví el problema creándoles un lenguaje castellano especial, que después há sido empleado com horrible exageración em trabajos ajenos"* (ARGUEDAS, 1993, p. 215). De maneira análoga, a crioulização, que se distingue do crioulismo, pretende engendrar uma linguagem capaz de tecer as poéticas crioulas, barrocas, presentes na oralidade tradicional, em contraste com a economia da língua francesa, muito mais concisa, clara e clássica.

Por outro lado, pode-se lembrar que Antonio Candido atribui ao mesmo fenômeno o termo de super-regionalismo: narrativa que descarta o sentimentalismo, nutre-se de elementos não-realistas e de técnicas antinaturalistas, "como o monólogo interior, a visão simultânea, o escorço, a elipse" (1979, p. 361).

Já a mestiçagem, em seu duplo sentido biológico e cultural, é um processo muito mais amplo, que afeta toda a vida das comunidades. Ao contrário da crítica feita por Glissant, o conceito da mestiçagem pode ser encarado como um longo processo que não termina necessariamente em uma síntese. Aliás, foi o que fez Gilberto Freyre: ele parte de uma premissa fundamental que é a distinção entre raça e cultura. Ao analisar a contribuição das três "raças" (a portuguesa, a africana e a indígena) para a formação do povo brasileiro, evoca sobretudo os elementos culturais de cada uma dessas três "raças". Apesar de uma certa imprecisão, porque os aspectos biológicos insistem em aparecer, é preciso reconhecer que ele não sucumbe nem às teorias francesas da época (Gobineau), bem disseminadas no Brasil, segundo as quais a miscigenação terminava na esterilidade (biológica e cultural), nem às teorias positivistas brasileiras, que viam no embranquecimento progressivo da população "a redenção de Cam" (título de um quadro de Modesto Brocos y Gómez, de 1895). Todas as duas visões partiam da assunção de que a herança negra era um fardo que o país carregava. Portanto, em lugar de partir de uma idéia de carência, de inacabamento, Freyre reconhece o caráter híbrido da formação do povo brasileiro e concede tanta importância à contribuição negra (e, em medida menor, indígena) quanto à contribuição portuguesa para a constituição

de uma identidade nacional. A mestiçagem, para Freyre, não é nem uma unicidade nem uma síntese; ao contrário, ele deixa aberto o processo de mutação tanto biológico quanto cultural (ARAÚJO, 1994). A crítica que se faz a Freyre é a de ter diminuído o peso dos conflitos raciais durante a época escravista em proveito de uma visão otimista das relações sociais e culturais entre senhores e escravos. Embora não se possa verdadeiramente acreditar na "democracia racial" de Freyre, é preciso reconhecer que o racismo no Brasil conhece astúcias muito mais dificilmente perceptíveis do que em outros locais do continente americano. Desse modo, a mestiçagem nunca foi tão estigmatizada no Brasil quanto em certos países da América.

A crítica do discurso da mestiçagem no Brasil aponta que, de mito de fundação nacional no século XIX, torna-se um discurso ideológico que enaltece a fusão em benefício do embranquecimento e da homogeneização. Há uma saudável discussão, no momento, com a entrada em cena de novos atores, cobrando novas políticas, inclusive a das cotas. O que transparece em alguns discursos é que a mestiçagem tem servido como política de exclusão social de negros e indígenas na sociedade brasileira. Por outro lado, autores respeitados como João Ubaldo Ribeiro e Peter Fry se manifestaram contra uma inovação importada dos Estados Unidos, que põe em evidência o conflito entre raças, alertando para o fato de que essa política pode interferir no país, imaginado não mais como mestiço mas como uma nação de raças estanques, compartimentadas, segregadas. Apesar de ninguém negar a existência do racismo, os opositores a essa visão racializada defendem o fato que o Brasil constitui exemplo único no mundo de uma mestiçagem plenamente realizada.

Nós conseguimos ser e agora vivemos fazendo força para deixar de ser, num gigantesco passo atrás, o único país onde de fato a humanidade se misturou e se mistura, onde ninguém permanece 'de fora' e até culturas resistentes à integração, como a japonesa, se deixaram assimilar e os oriundos de qualquer parte não vivem aqui enquistados, como no resto do mundo (RIBEIRO, 2005, p. D3).

Assim, enquanto o mito do Brasil mestiço ainda constitui um discurso hegemônico, presente de forma reiterada na produção intelectual, e também na mídia (publicidade, música, televisão), outros países do continente recusaram, desde o início, a idéia de mestiçagem. Isso está presente nos Estados Unidos, no Canadá, na Argentina, e também em países cuja maioria da população é indígena, como o Peru. Segundo Montoya Uriarte, em artigo sobre o escritor José Maria Arguedas, a mestiçagem biológica não tem uma cultura correlata; os mestiços são mal vistos tanto pelos índios quanto pelos brancos, porque a política nacional tem sido, desde o período colonial, baseada na separação e na exclusão.

*Allí no viven sino dos clases de gentes que representan dos mundos irreductibles, implacables y esencialmente distintos: el terrateniente convencido hasta la médula, por la acción de los siglos, de su superioridad humana sobre los índios, y los índios, que han conservado com más ahinco la unidad de su cultura por el mismo hecho de estar sometidos y enfrentados a una tan fanática y bárbara fuerza (ARGUEDAS, 1993, p. 211).*

Como a mestiçagem é percebida como fratura, não há lugar para a identidade mestiça. Assim, Fausto Reinaga declarava, em 1970, na primeira página de seu livro *La revolución india*: "Não sou nem um escritor nem um homem de letras 'mestizo'. Sou um índio. Um índio que pensa, produz idéias e gera idéias" (apud MIGNOLO, 2003, p. 249) da mesma maneira que J. M. Arguedas dizia em discurso que não era um aculturado.

Por esse trânsito entre diferentes regiões, pode-se detectar um processo muito complexo, em que se desliza do biológico para o cultural, e deste, para processos mais especificamente literários e lingüísticos. Pode-se também perceber que as palavras não são inocentes, que certos termos se constituíram ao longo da história tornando-se tabu. No caso da mestiçagem, pode-se supor que o interdito venha do intercurso sexual barrado entre o branco e a mulher subalterna (indígena ou negra), fruto do estupro ou da aceitação da mulher, com o nascimento do mestiço, fruto do pecado, filho bastardo, renegado por ambas as comunidades étnicas que



o originaram. Assim, enquanto nas Antilhas prefere-se o termo crioulização, este seria de difícil uso no Brasil, considerando-se que a palavra "crioulo" designa o negro, em registro pejorativo, não sendo aceita pela comunidade de afro-descendentes.

### **Considerações finais**

A clausura do/no nacional tem impedido a compreensão de que movimentos e tendências surgidos em um país ou área lingüística têm correlação com outros muito mais amplos que atingem outras regiões da América e mais particularmente da América Latina. Assim, as inter-relações que se podem vislumbrar no presente estudo podem e devem suscitar outros desdobramentos a fim de se detectarem as linhas de força das literaturas do continente, não na tentativa de homogeneizar e buscar simetrias forçadas, mas, antes, verificar os novos descentramentos que se operam no século XXI, com a aparição de formas narrativas e poéticas fragmentadas, com personagens fraturados e subjetividades moventes, que dão conta das inúmeras diásporas do continente. Estes sujeitos cindidos, com identidades plurais, que passam por processos de desterritorialização de várias naturezas, põem em circulação novas problemáticas que dão conta daquilo que tem sido chamado de modernidade tardia.

A literatura comparada no Brasil pode tirar partido das contribuições que os estudos culturais e pós-coloniais proporcionaram, sobretudo nas pesquisas sobre as questões identitárias, nacionais e transnacionais, pois, como assinala Ana Pizarro, "*los conceptos constituyen construcciones surgidas del movimiento de un pensamiento, que no existen sin él, que forman parte de su riqueza y a veces de sus fisuras, e incorporan sus matices*" (PIZARRO, 2005, p. 104). Como um pensamento se inscreve na história de cada país, é preciso ter o cuidado especial de, ao usar um conceito surgido em outro espaço de enunciação, refazer todo o seu percurso a fim de não homogeneizá-lo, eliminando as nuances que constituem a riqueza e a produtividade que ele tinha em seu surgimento. Assim, Peter Fry adverte para o perigo de se querer adaptar ao Brasil certas políticas importadas

dos Estados Unidos no que se refere à inclusão social do negro, afirmando que "raça" e "relações de raça" não têm nada de natural; tanto a "democracia racial", fruto da mestiçagem assimiladora, quanto a *one drop rule*<sup>3</sup>, são conceitos surgidos no bojo de um pensamento global que moldou as duas sociedades (2005, p. 178). A literatura e a cultura dos dois países, que apresentam situações bastante distintas, têm sido analisadas por alguns pesquisadores de ambos os países, cujos trabalhos comparativos tentam levar em consideração os variados elementos envolvidos nas categorias de pensamento. As relações entre o Brasil e a América Hispânica são também um objeto de reflexão que deve mobilizar os esforços dos grupos de pesquisa, na tentativa de se incrementar os estudos do comparativismo interamericano, diminuindo, assim, o desconhecimento recíproco existente entre essas duas partes da América Latina.

FIGUEIREDO, E. For an Inter-American Comparativism. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 15 - 32, 2005.

- **ABSTRACT:** *This text proposes a reflexion on the book *Conceitos de literatura e cultura* (FIGUEIREDO, 2005), product of the research developed by the ANPOLL's GT "Relações literárias interamericanas", concerning transit and transformations of some key concepts of comparative inter-American studies: americanidad/americanization, anthropophagy, barroco/neo-baroque, boom/post-boom, créolité/créolisation, space-in-between, heterogeneity, hybridization/hybridism, cultural identity/national identity, indigenism, migrant literature, métissage, negritude/negrismo/literatures of afro-descendants, multiculturalism/pluriculturalism, post-colonial, post-modern, magical realism/realismo maravilloso, regionalism, First Nations's texts, transculturation/narrative transculturation. Further the text deals with a comparative analysis of concepts of métissage, créolisation, hybridism and transculturation in different American areas.*
- **KEYWORDS:** *Comparative Literature; Cultural Studies; Transit and Transformations of Concepts.*

---

<sup>3</sup> Expressão que significa que uma gota de sangue negro torna a pessoa um afro-descendente.

## Referências

ARGUEDAS, J. M. *Un mundo de monstruos y de fuego*. Selección y introducción de Abelardo Oquendo. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BERNABÉ, J.; CONFIAINT, R.; CHAMOISEAU, Patrick. *Eloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.

CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. In: MORENO, César Fernández. *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FIGUEIREDO, E. (Org). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF/ Niterói: EdUFF, 2005.

FRY, P. *A persistência das raças*. Ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral. São Paulo: Civilização Brasileira, 2005.

GLISSANT, E. *Poétique de la Relation*. Paris: Seuil, 1990.

HALL, S. *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBBSBAWN, E. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Programa, mito e realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MARIÁTEGUI, J. M. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1975.

MIGNOLO, W. *Histórias locais/Projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ORTIZ, F. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. (Advertencia de sus contrastes agrarios, económicos, históricos y sociales, su etnografía y su transculturación). La Habana: Consejo Nacional de Cultura, 1963.

PIZARRO, A. *El Sur y los Trópicos*. Ensayos de cultura latinoamericana. Cuadernos de América sin nombre. n. 10. Alicante: Universidad de Alicante, 2005.

RETAMAR, R. F. *Caliban e outros ensaios*. São Paulo: Busca Vida, 1988.

RIBEIRO, João Ubaldo. Viva o povo brasileiro. O Estado de São Paulo, São Paulo, 24 abr. 2005. caderno 2/ cultura, p. D3.

SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. Liderança e hierarquia em Alencar. In: \_\_\_\_\_. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SUZUKI, S. O. \_\_\_\_\_. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31 jan. 2003. Folha Ilustrada, p. E1.